

## TRIBUNA LIVRE

**FABIOLA OVERRATH.** Diretora de Operações e Pessoas do Educbank

# Habilidades do futuro e a escola

A cada dia que passa o exercício de futurologia fica ainda mais difícil com a evidente volatilidade e inconstância que é característica da nossa modernidade contemporânea.

Por acaso alguém se arriscaria em dizer como o mundo vai estar daqui a 10 ou 20 anos? Como vamos nos preparar para um futuro que não sabemos efetivamente qual será?

Segundo o relatório “The Future of Jobs 2020”, do Fórum Econômico Mundial, estima-se que 50% de todos os funcionários vão precisar de requalificação e 40% das habilidades fundamentais que são exigidas atualmente vão mudar até 2025. Entre as principais habilidades do futuro que constam no relatório estão: autogestão, resiliência, pensamento crítico, entre outras.

Agora vamos dar alguns passos para trás... Afinal, se pretendemos falar sobre o futuro do trabalho; precisamos primeiramente falar da educação básica e como ela está inserida neste cenário de incertezas.

As Escolas brasileiras são fundamentais para que as nossas crianças e jovens se desenvolvam à altu-

ra das exigências que o mercado profissional irá demandar.

Por isso, foram importantes as novas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – que incluiu a relevância das competências socioemocionais no processo educacional. Entre os eixos que constam na BNCC estão: autogestão, resiliência emocional, abertura ao novo, entre outros.

Conseguem enxergar a semelhança? Sim, há convergência entre as habilidades futuras do mercado profissional e as competências socioemocionais que as Escolas brasileiras devem implementar. Isso é um grande passo para a nossa formação como sociedade.

Traçando um paralelo entre o mundo corporativo e as Escolas, por mais que pareça distante, há mais similaridades do que diferenças. Tanto as empresas, quanto as Escolas valorizam a formação continuada.

Avaliando as habilidades de autogestão e resiliência, é possível enxergarmos mais semelhanças. Com o crescimento do home office e do ensino remoto, os CEOs e os diretores de Escola tiveram que

lidar com o aumento da autonomia de cada profissional. Além disso, ficou evidente a maneira como todos tiveram que administrar as situações e ser resilientes ao se adaptar a novas plataformas e mudanças constantes.

E a inovação? Como vamos garantir que as Escolas brasileiras possam ter as ferramentas e os recursos inovadores para que consigam formar e desenvolver pessoas no seu máximo potencial?

De acordo com estudo de pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o investimento em educação básica eleva o padrão de vida e a remuneração dos profissionais. O levantamento aponta que a aplicação de apenas 1% a mais no setor, permitirá o aumento de até 26% no padrão de vida dos brasileiros nos próximos 50 anos.

Portanto, entre as diversas alternativas, enxergo o apoio financeiro e o acesso a capital para Escolas como a rota prioritária para trazeremos segurança, planejamento de longo prazo e autonomia operacional. Desta forma (sim) teremos adultos prontos para o futuro que não sabemos qual será.